Põe ou tira a máscara? Bichas docentes, currículo e invenções queer na educação

Roberto Vinicio Souza da Silva
Professor da Universidade Paulista, UNIP
Parnaíba-Piauí
prof.robertovinicios@gmail.com

Letícia Carolina Nascimento
Professora do Programa de Pós-graduacão em Sociologia, UFPI
Teresina-Piauí
lecarolpereira@gmail.com

Resumo

Este artigo retoma dados produzidos na pesquisa *A Sociopoética das Bichas Docentes nos Labirintos da Homossexualidade*, realizada com quatro professores gays, denominados bichas docentes, na cidade de Parnaíba-PI. A partir da Sociopoética, analisamos os confetos produzidos por meio do dispositivo Máscaras das Bichas Docentes, interrogando as relações entre homossexualidade, docência e currículo. Sob uma perspectiva queer, compreendemos as máscaras para além do ocultamento, acompanhando os movimentos de mostrar-se, esconder-se, revelar-se e inventar-se produzidos pelas bichas nos espaços educacionais. As análises evidenciam um currículo atravessado por normas heteronormativas, fronteiras e vigilâncias, mas também por alianças, afetos, imaginação e possibilidades de existência. Argumentamos que as bichas docentes não apenas negociam formas de habitar a educação: suas experiências interrogam as normas que estabelecem quais corpos, sexualidades e modos de existência podem ocupar legitimamente a docência.

Palavras-chave: Bichas docentes. Currículo. Teoria queer. Formação docente. Sociopoética.

Abstract

This article revisits data produced in the research *A Sociopoética das Bichas Docentes nos Labirintos da Homossexualidade*, conducted with four gay teachers, whom we refer to as *bichas docentes*—an affirmative queer appropriation of a term historically used as an insult—in the city of Parnaíba, Piauí, Brazil. Drawing on Sociopoética, we analyze the *confetos* (concepts + affects) produced through the *Máscaras das Bichas Docentes* device, interrogating the relations between homosexuality, teaching, and curriculum.

From a queer perspective, we understand the masks beyond concealment, following movements of showing, hiding, revealing, and reinventing oneself within educational spaces. The analysis reveals a curriculum shaped by heteronormative norms, boundaries, and surveillance, but also by alliances, affects, imagination, and possibilities of existence. We argue that *bichas docentes* do more than negotiate ways of inhabiting education: their experiences interrogate the norms that determine which bodies, sexualities, and modes of existence can legitimately inhabit teaching.

Keywords: *Bichas docentes*. Curriculum. Queer theory. Teacher education. Sociopoética.

Antes de vestir as máscaras

Este texto é um recorte da pesquisa monográfica *A Sociopoética das Bichas Docentes nos Labirintos da Homossexualidade*, que teve como tema-gerador a homossexualidade docente. Como abordagem metodológica, optamos pela Sociopoética. Para este trabalho, trazemos especificamente os dados produzidos pela técnica Máscaras das Bichas Docentes, realizada durante a "Oficina de Negociação" da referida pesquisa. Participaram desta pesquisa quatro professores gays, os quais denominamos bichas docentes, que atuam desde a Educação Infantil até o Ensino Superior.

Neste trabalho, o termo "bicha" não é configurado como pejorativo ou como um dispositivo que reforça a segregação e o estigma aos gays. Ao contrário, é intencionalmente utilizado de forma afirmativa, a partir de uma política queer que subverte o insulto em afirmação positiva para aquele que seria supostamente ofendido, afirmando, assim, a diferença em vez de negá-la ou envergonhar-se dela. Nomear esses professores como bichas docentes constitui, portanto, mais do que uma escolha vocabular: tensiona os regimes de inteligibilidade que definem quais sexualidades, corporalidades e modos de existência podem ocupar legitimamente a docência. A bicha, quando entra na escola não apenas como objeto dos discursos sobre diversidade sexual, mas como sujeito que ensina, produz conhecimento e narra a si mesma, desorganiza as fronteiras daquilo que a educação reconhece como legítimo.

Após alguns anos dessa pesquisa, retomamos seus dados sob uma nova perspectiva analítica, voltando nosso olhar para a dimensão curricular das experiências narradas pelas bichas docentes. Se as máscaras nos permitem pensar os jogos entre revelar-se e ocultar-se nos espaços educacionais, interessa-nos agora perguntar também o que esses movimentos dizem sobre o currículo, sobre as normas que organizam seus espaços e sobre os modos pelos quais determinados sujeitos e diferenças tornam-se possíveis, negociáveis ou interditados no cotidiano da educação.

Pensar o currículo nessa perspectiva implica afastá-lo da compreensão restrita de uma seleção organizada de conteúdos escolares para compreendê-lo como território atravessado por disputas de significação, relações de poder, produção de subjetividades e diferenças. As contribuições das teorias pós-críticas em educação e da teoria queer nos permitem interrogar as normas que constituem sujeitos, corpos, gêneros e sexualidades no campo educacional, deslocando a diferença de uma perspectiva meramente inclusiva para interrogar as próprias estruturas que produzem determinadas existências como legítimas e outras como desviantes. Se o currículo participa da produção de sentidos acerca dos sujeitos e do mundo, interessa-nos perguntar quais sentidos são possíveis para uma bicha docente e o que acontece ao próprio currículo quando essas bichas produzem outros modos de existir, ensinar e narrar a educação.

Nesse movimento, as máscaras deixam de aparecer somente como respostas individuais diante de espaços educacionais heteronormativos e tornam-se pistas para pensar as negociações curriculares realizadas cotidianamente por sujeitos cujas existências excedem os lugares que lhes foram previamente reservados. Mostrar-se, esconder-se, revelar-se, dissimular-se, inventar-se e imaginar-se de outro modo atravessam as narrativas das bichas docentes. Interessa-nos, assim, menos descobrir aquilo que estaria escondido atrás das máscaras e mais acompanhar aquilo que elas fazem: os territórios que permitem habitar, as relações que possibilitam estabelecer e as normas educacionais que tornam perceptíveis justamente quando precisam ser negociadas.

Para este texto, estabelecemos como objetivo analisar a relação entre docência e homossexualidade a partir das Máscaras das Bichas Docentes produzidas por professores gays na cidade de Parnaíba-PI, interrogando, a partir de suas narrativas, as relações entre sexualidades dissidentes, currículo e formação docente. Nesse sentido, analisamos confetos (conceitos+afetos) produzidos por meio das tramas educativas desses professores, pensando a orientação sexual como importante marcador de suas experiências docentes. Para fomentar as discussões, dialogamos com Gauthier (2012), Louro (2015), Sedgwick (2007), Nascimento (2014), Hall (1998), Silva (2017), Lopes (2013), Ranniery (2017), Silva e Alves (2020) e Caetano, Rodrigues e Wenetz (2024) buscando compreender as tessituras que constroem e (des)modelam as bichas docentes no espaço da educação.

Oficina de negociação: as máscaras das bichas docentes

As pesquisas sociopoéticas possuem uma dinâmica bem específica no que tange a produção dos dados, se comparada com outros procedimentos de pesquisa. Convém destacar que a sociopoética consegue misturar diversos elementos e reflexões de Paulo Freire, a princípios da pesquisa-ação, dentre outros. Propondo um diálogo inventivo entre algumas práticas de pesquisa, não estamos pensando numa ideia de homogeneidade, mas sim de estranhamento, coisas e pensamentos estranhos que se cruzam e produzam produzem sentido a partir do tema-gerador da pesquisa. Na sociopoética são produzidos os saberes através do grupo, tudo está articulado com a intenção de valorizar o pensamento coletivo. Como Gauthier (1999, p. 41) destaca: “O método do grupo-pesquisador é o centro vivo da sociopoética.” Para que este trabalho contamos com a disposição de 4 corajosas bichas docentes, enfatizamos a coragem, pois durante os contatos iniciais muitos professores gays ao saberem da temática da pesquisa, desistiram da mesma. Esse fato já se constitui em dado para a nossa pesquisa, pois confirma o quanto ainda é melindroso e problemática abordar no contexto escolar o tema da homossexualidade. A pesquisa se fez com o consentimento

das bichas que autorizaram gravações e fotografias, com a finalidade de não deixar escapar detalhes subjetivos de suas tramas.

A sociopoética segue algumas etapas, que não são estanques, mas que contribuem para constituir um plano de imanência para nossas pesquisas. Após os movimentos exploratórios que o pesquisador faz para entrar em contato com o campo da pesquisa, selecionar, ou convidar os copesquisadores, o sociopoeta realizará algumas oficinas, dentre as quais as primeiras são a de negociação e logo em seguida a de produção de dados (GAUTHIER, 2012). A negociação para Silva (2017) é um momento para se criar a dinâmica do grupo, estabelecendo os dispositivos éticos e a intencionalidades. Nesse momento de negociação, são criadas pequenas técnicas, dinâmicas, brincadeiras, depende de cada contexto, temática e da formação do próprio sociopoeta.

Nesta pesquisa foi realizada uma única oficina, isso aconteceu pois percebemos que as bichas tinham movimentos diversos e reuni-las todas em um mesmo espaço, em um mesmo horário foi um grande desafio para o acontecimento dessa pesquisa. De maneira que quando conseguimos uma data em comum entre a maior parte das bichas disponíveis, rapidamente planejamos uma única oficina que cumprisse com dois objetivos principais: negociação e produção de dados. É sobre este primeiro momento, o da negociação que este trabalho discorre.

Nosso interesse em trazer as Máscaras das Bichas Docentes, pois, não apenas nesta pesquisa, como em outras, os dispositivos e técnicas muitas vezes pensados pelos sociopoetas para as oficinas de negociação acabam, mesmo sem a intenção, produzindo dados bastante relevantes para a pesquisa. Especificadamente, nesta pesquisa o que é possível constatar que é que as bichas docentes se apropriaram completamente de suas máscaras revelando aspectos subjetivos e profissionais sem pudor. No caso desta pesquisa utilizamos como técnica de apresentação o dispositivo intitulado: Máscaras das Bichas Docentes. A confecção das máscaras foi praticamente o primeiro momento da oficina de negociação, antes deste momento apenas recepcionamos nossos copesquisadores pedindo que os mesmos se sentam no chão onde os materiais já estavam dispostos.

Para a construção das máscaras foi estipulado o tempo de 20 minutos. Disponibilizamos diversos aviamentos como: tesoura, papel cartão, fitas, tinta guache, lantejoula, liga, fitas, brilho, pincel, barbante, entre outros materiais. A única orientação dada foi que os mesmos confeccionassem as máscaras a partir de suas subjetividades, que cada uma escolhesse a partir da máscara a maneira para se apresentar ao grupo. Após este momento de construção, de forma espontânea cada um foi se apresentando ao coletivo. Então cada professor a partir deste momento, deixou seu nome civil e se passou a ser chamado pelo seu nome de máscara. Personificados a partir das máscaras as bichas foram trazendo suas tramas, suas vivencias singulares dentro dos ambientes escolares. A seguir trazemos as máscaras de cada bicha e seus relatos de apresentação a partir das mesmas.

Fotos, máscaras e relatos: tramas subjetivas



Figura 1 – Máscara da bicha docente Fantasia

"O nome da minha máscara é Fantasia, está máscara foi criada há 12 anos para eu conseguir viver onde eu estava vivendo, quando eu cheguei aqui eu aprendi a usar, estava disponível no mercado ai eu comprei ela porque esconde muita coisa que as vezes é pesado para as pessoas e ela tem o poder de dar um tom mais doce, mas ameno, mais sociável, utilizar a Fantasia é bom porque as vezes ela anima as pessoas por algum período, por um tempo curto, um momento rápido, mas não por muito tempo, porque ela sai rápido de cena. A profissão da Fantasia é professor, eu atuo na área cinco anos, na maior parte no Ensino Superior, mas já lecionei no Ensino Fundamental e no Ensino Médio. Minha formação é Ciências Sociais. A Fantasia gosta muito de andar de estar na rua, no mundo, a Fantasia não gosta muito de trabalhar ela só trabalha porque isso garante algumas coisas para ela, ainda que ela gosta muito do ofício de fato, mas ela gosta mesmo e de tá na rua em contato com os amigos".



"Anelle é uma *drag* e também é professora, ser Anelle significa ser ou ter a possibilidade de se imaginar da forma como se quer construir, eu acredito que a Anelle está ou é algo parecido que existe dentro de cada pessoa, quando essa pessoa quer se tornar aquilo que deseja ser. A Anelle é uma professora e engraçada, atenciosa e também é uma ótima instrutora e boa contadora de história, estar quase se formando em História, e apesar disso, já possui experiência no Ensino Fundamental e agora no Ensino Médio. Estar na escola é uma experiência muito incrível e muito rica porque a gente tem contato com diversos tipos de pessoas, então a todo o momento essas máscaras, elas existem, inclusive também para os nossos alunos e muitas vezes a gente redescobre essas pessoas quando a gente ganha à confiança delas e muitas vezes nesse ambiente escolar também se esconde muitas coisas, muitas vezes, muitos delas, mas a gente percebe se mostram bem mais nem sempre a realidade agradável para eles."

Figura 2 – Máscara da bicha docente Anelle

"Eu sou Alegria Felicidade Sorriso, eu me sinto muito bem, me sinto feliz do jeito que sou, como eu sou, do jeito que me expresso, onde eu convivo, com quem eu convivo. A Alegria estuda e trabalha, estuda na UESPI, faz pedagogia e trabalha em uma escola da rede municipal eu leciono no 1º ano do Ensino Fundamental anos iniciais, apesar de ainda não estar formado, mas já estou lecionando a um ano. A alegria é muito sorridente, muito divertida, eu acredito que eu tenho a capacidade de fazer as pessoas sorrirem, gosto de fazer as pessoas sorrirem e me sinto muito livre para me expressar desta forma e percebo que as pessoas que estão a minha volta me proporcionam esta liberdade. A alegria se sente muito respeitada, amada tanto na universidade como no local do trabalho. A alegria quando pensa na relação professor-gay fica um pouco incomodada, porque, de certa forma, tem que deixar isso um pouco de lado, para seguir a profissão de professor. Porque, de certa forma, as pessoas estão olhando, estão buscando algo que possa denunciar, sinto certo receio de falar sobre isso com algumas pessoas tanto da universidade como do trabalho."



Figura 3 – Máscara da bicha docente Alegria Felicidade Sorriso



"Eu sou o Branco, não gosto que digam que sou a falta de muitas coisas, na verdade eu sou a mistura de muitas coisas, o Branco tem o tom de tudo, tem um pedaço de todos. Eu tento utilizar esses vários pedaços para tentar sobreviver, por isso é difícil ser o Branco, porque quando esses pedaços estão escondidos é muito difícil de achar e por isso eu acabo ficando sozinho. Sozinho eu acabo entrando em colapso, em crise existencial, não a ponto de praticar algo, mas é perturbador. Para, além disso, sou professor a seis anos, tenho formação em Teologia e em História, eu trabalho no Ensino fundamental e Ensino Médio. Quando eu penso na relação professor-gay eu acho que é um campo minado, porque às vezes a gente tem tanta certeza de que está pisando no lugar certo, mas está pisando no lugar errado, em uma bomba tudo isso é complicado, porque dentro da escola tem os que sabem da minha identidade, alguns aceitam e conversam sobre isso, mas o problema está no assédio de aluno para professor e a gente sabe que não pode, mas entre o poder e não poder tudo pode acontecer."

Figura 4 – Máscara da bicha docente Branco

Fonte: Dados da pesquisa A Sociopoética das Bichas Docentes nos Labirintos da Homossexualidade (2017).

Ativando o disfarce: as bichas mascaradas na educação

As máscaras das bichas docentes nos possibilitam pensar como os espaços educacionais afetam suas profissões e constituições subjetivas. As tramas trazidas pelas protagonistas da pesquisa nos ajudam a problematizar, no espaço da educação, lugares habitáveis e linhas de fuga estabelecidas por professores que decidem transgredir a lógica heterossexual. Ao retomarmos essas tramas a partir de uma perspectiva curricular, interessa-nos também perceber como esses lugares são produzidos,

disputados e negociados no cotidiano da educação. Assim, as máscaras não dizem apenas das subjetividades das bichas docentes, mas oferecem pistas sobre as normas curriculares com as quais elas precisam negociar para tornar suas existências e suas docências possíveis.

Após a produção das máscaras, mergulhamos nas subjetividades das bichas para a realização da análise plástica. Em linhas gerais, a análise plástica constitui-se em um momento em que os pesquisadores oficiais da pesquisa analisam as imagens e todo material iconográfico como se os tivessem produzido. É uma análise intuitiva; geralmente, após essa análise, o pesquisador produz um poema ou outro gênero literário. Dessa forma, apresentamos o poema produzido pela afecção das máscaras nos corpos dos pesquisadores oficiais desta pesquisa:

Ativando o disfarce

Qual a relação da máscara, com bicha e à docência?
Para além de qualquer coisa, talvez seja uma pendência
Que se cria e se transforma
Deforma, contorna e reforça
A máscara retira e dá vida
É uma contradição
Conjuga várias metáforas
Mostra as bichas na contramão
Ao serem vistas não se intimidam
há outras que se encabulam
Põe ou tira a máscara?
São tramas além da clausura.
Educar com máscara?
Sem máscara e educar?
A bicha que se apresenta
Simplesmente reinventa a forma de se portar

Quando pensamos no quão inventivas foram as máscaras, pensamos nas diversas possibilidades de performances que as bichas docentes podem vivenciar dentro do espaço escolar, nos jogos entre mostrar-se e esconder-se, dissimular-se e revelar-se. As máscaras das bichas docentes aparecem como potentes dispositivos por meio dos quais elas podem habitar territórios lícitos e ilícitos, transitar entre territórios, arriscar-se nas fronteiras e percorrer os espaços educacionais em um jogo ora aberto, ora oculto, de mostrar-se e revelar-se. Esses movimentos não se reduzem, contudo, a decisões individuais sobre tornar pública ou não a sexualidade.

Quando o currículo é compreendido como uma narrativa em disputa, atravessada por relações de poder e pela produção de subjetividades, mostrar-se, esconder-se ou dissimular-se tornam-se também negociações curriculares. É justamente a necessidade de negociar a própria presença que torna perceptíveis as normas que estabelecem quais modos de existir podem circular com maior ou menor legitimidade nos espaços educacionais.

Essas possibilidades estão expressas quando Anelle busca um significado para si enquanto máscara: “ser Anelle significa ser ou ter a possibilidade de se imaginar da forma como se quer construir [...]”. Nesse sentido, existem possibilidades de imaginar-se de outras formas, de construir-se de forma diferente da que se é; as máscaras evidenciam que as bichas docentes fazem performances nos ambientes educacionais. Aqui, a máscara não opera simplesmente como ocultamento: ela também cria possibilidades. A afirmação de Anelle aproxima-se da compreensão de Lopes (2013) de que a política curricular envolve a invenção do próprio currículo e, simultaneamente, a invenção de nós mesmos. Também permite uma aproximação com a política da imaginação discutida por Ranniery (2017), na medida em que imaginar-se de outro modo abre possibilidades de experimentação da existência. A máscara, portanto, pode esconder, mas também pode produzir: permite à bicha experimentar modos de ser, relacionar-se e constituir-se como docente que não estavam previamente assegurados pela norma.

Por meio das máscaras, as bichas se tornam viajantes das (homo)sexualidades. Em seus modos de viver e educar, precisam habitar espaços que vão do aceitável ao proibido. Afinal, existem fronteiras entre o aceitável e o proibido, e "a fronteira é lugar de relação, região de encontro, cruzamento e confronto [...] O ilícito circula ao longo da fronteira [...] Mesmo que existam regras, que se tracem planos e sejam criados estratégias e técnicas haverá aqueles e aquelas que transgridem" (LOURO, 2015, p. 16).

Pensar *queer* o currículo é, justamente, não tomar essas fronteiras como naturais. Significa perguntar como se produzem, no cotidiano da educação, as normas que fazem determinados modos de existir parecerem esperados e outros, estranhos, desviantes ou impróprios. Assim, quando as bichas atravessam, negociam ou borram essas fronteiras, não estão apenas encontrando maneiras individuais de sobreviver à escola: suas existências tornam visíveis as próprias operações curriculares que instituem o aceitável e o proibido.

As bichas docentes sabem que o espaço da escola nem sempre é um lugar onde suas sexualidades dissidentes são aceitas. Precisam constantemente explorar os espaços educacionais onde exercem suas profissões, buscando lugares seguros. Isso fica evidente quando, ao falar de sua atuação como bicha docente na escola, Branco afirma que a escola "[...] é um campo minado, porque às vezes a gente tem tanta certeza que está pisando no lugar certo, mas está pisando no lugar errado, em uma bomba, tudo isso é complicado".

A imagem do "campo minado" é potente porque desloca nossa atenção da sexualidade do professor para o espaço que faz com que determinados modos de existir precisem calcular seus movimentos. O perigo não está na bicha docente, mas nas normas que tornam sua presença arriscada. Pensado curricularmente, esse campo não é constituído apenas pelos conteúdos que se ensinam ou pelas prescrições formais da escola, mas também por códigos, expectativas e estruturas de significação que regulam quais corporalidades, gêneros e sexualidades podem aparecer sem produzir estranhamento. É nesse sentido que Caetano, Rodrigues e Wenetz (2024) propõem uma interrogação *queer* das narrativas curriculares, voltada aos processos

institucionais e discursivos que estabelecem posições possíveis para os sujeitos nas existências cotidianas.

São exatamente essas instabilidades e os perigos que os espaços educacionais podem oferecer às bichas docentes que as levam a utilizar as máscaras sempre que necessário. As bichas sabem que a educação é um espaço em que diversas pessoas estão presentes. Ao falar de sua experiência como docente, Anelle destaca que "[...] é uma experiência muito incrível e muito rica porque a gente tem contato com diversos tipos de pessoas, então a todo o momento essas máscaras, elas existem [...]".

Anelle compreende, então, que é necessário usar as máscaras. O jogo entre ocultar-se e revelar-se é preciso, pois existem muitas pessoas, mas nem todas podem compreender a existência das bichas docentes em espaços ainda heteronormativos como os espaços educacionais. A própria Anelle afirma que "[...] muitas vezes nesse ambiente escolar também se esconde muitas coisas [...]". Mas existem aqueles que entendem, aqueles em quem podemos confiar e até mesmo com quem podemos conversar, como afirma Branco: "[...] porque dentro da escola tem os que sabem da minha identidade, alguns aceitam e conversam sobre isso [...]". Anelle também pontua a possibilidade de estabelecer relações de confiança na escola quando afirma que "[...] muitas vezes a gente redescobre essas pessoas, quando a gente ganha a confiança delas [...]". Fica evidente, portanto, que existem possibilidades de aceitação e de não aceitação.

Entretanto, talvez possamos avançar um pouco mais: as relações de confiança narradas pelas bichas não dizem somente de quem aceita ou não suas sexualidades. Elas indicam que habitar a escola envolve reconhecer alianças, produzir vínculos e descobrir com quem determinados modos de existência podem ser compartilhados. É nesse ponto que a noção de socialidade queer de Ranniery (2017) nos oferece outra possibilidade de leitura. Ao deslocar o currículo dos projetos centrados apenas no reconhecimento de identidades para uma composição de laços que possibilitam sobrevivência e experimentação da existência, o autor permite pensar que as relações construídas pelas bichas também participam da produção de espaços mais habitáveis. O currículo aparece, assim, não somente como aquilo que regula e interdita, mas como

uma trama relacional na qual também podem ser produzidas cumplicidades, alianças e outras possibilidades de existência.

Essa multiplicidade entre o ocultar-se e revelar-se traz à tona o debate em torno da epistemologia do armário proposto por Sedgwick (2007, p. 22)

> O armário [...] ainda é a característica fundamental da vida social, e há poucas pessoas gays, por mais corajosas e sinceras que sejam de hábito, por mais afortunadas pelo apoio de suas comunidades imediatas, em cujas vidas o armário não seja ainda uma presença formadora.

É importante considerar que, mesmo que as bichas docentes afirmem suas homossexualidades, existem momentos em que o segredo se torna uma estratégia para habitar os espaços educacionais. Todavia, existem momentos em que é possível revelar-se também e, inclusive, estabelecer relações de amizade e confiança. Esses jogos estão dentro da narrativa do entrar e sair do armário, um jogo por vezes interminável. Assim como propõe Nascimento (2014, p. 139):

> Os armários podem ter portas deslizantes ou dobradiças enferrujadas, ter ainda fundos falsos para ocultar ainda mais segredos. A pessoa pode sair de um armário e subitamente entrar em outro numa sequência aleatória de entrar e sair de armários de acordo com as experiências que realiza. Assim, o armário é uma estruturante movente que se abre e se fecha, se revela e se oculta, o armário pode, pois, habitar as fronteiras do dentro e do fora da sexualidade, entre o ser e o não ser, entre o ser e o fingir, o dissimular, o persuadir. Os armários podem ser confortáveis, incômodos, sufocantes, divertidos, obscuros e coloridos.

Ao aproximarmos essa “estruturante movente” da dimensão curricular, podemos compreender que não existe uma decisão única e definitiva entre estar dentro ou fora do armário. Cada espaço, relação e circunstância pode exigir uma nova leitura das condições de aparecimento da bicha docente. O movimento da máscara acompanha, portanto, a contingência desses territórios: coloca-se, retira-se, modifica-se, não porque a identidade seja falsa, mas porque as condições de sua enunciação

também se modificam. O currículo aparece, nesse movimento, como espaço de decisões contingentes e disputas de significação, aproximando-se da compreensão de Lopes (2013) de que sua política envolve processos permanentes e não definitivos de significação e invenção.

As bichas docentes utilizam as máscaras nos seus jogos de saída e entrada do armário, de revelar-se e ocultar-se, e fazem isso de forma intencional, como exemplifica Fantasia: "[...] esta máscara foi criada [...] para eu conseguir viver [...] estava disponível no mercado e eu comprei ela porque esconde muita coisa que às vezes é pesado para as pessoas e ela tem o poder de dar um tom mais doce, mais ameno, mais sociável [...]". Percebe-se, portanto, que a máscara é usada intencionalmente para ocultar traços subjetivos e, nesse processo, cria outros traços subjetivos para revelar. A máscara atua como um dispositivo socializador das bichas docentes, isto é, como um dispositivo que torna possível sua convivência.

A alegria que a máscara pode proporcionar nas relações das bichas docentes nos espaços escolares é recorrente nas falas dos copesquisadores. Alegria Felicidade Sorriso, por exemplo, destaca que "[...] eu acredito que eu tenho a capacidade de fazer as pessoas sorrirem, gosto de fazer as pessoas sorrirem e também me sinto muito livre para me expressar desta forma [...]". Essa postura também é vivenciada por Anelle: ela é "[...] uma professora engraçada, atenciosa e também é uma ótima instrutora e boa contadora de história [...]".

Alegria, humor, atenção e a possibilidade de contar histórias aparecem, assim, como formas pelas quais essas bichas produzem suas relações docentes. Isso nos impede de narrar suas experiências exclusivamente pela chave da violência ou da interdição. As normas heteronormativas atravessam suas experiências, mas não encerram aquilo que elas podem fazer no espaço educacional. Há também criação, cumplicidade e imaginação. As bichas não apenas encontram maneiras de permanecer em espaços que nem sempre as reconhecem; elas também os habitam produzindo relações, afetos e maneiras próprias de exercer a docência.

Talvez esteja justamente aí uma das potências curriculares das máscaras: elas não apenas respondem às normas que procuram regular as bichas, mas participam da

invenção de outras maneiras de habitar a docência. Ao inventarem modos de falar, ensinar, relacionar-se, contar histórias e fazer sorrir, essas professoras também produzem fissuras nos modos previamente autorizados de ser docente. A bicha mascarada não é, portanto, somente aquela que esconde alguma coisa para sobreviver; é também aquela que, ao se movimentar entre máscaras, inventa possibilidades para existir e educar.

No entanto, quando pensamos nas máscaras, é possível nos interpelarmos: até que momento utilizar este dispositivo dentro do espaço educacional? Quais são os limites das máscaras? Na concepção de Fantasia, as máscaras não são usadas de forma ininterrupta: “[...] é bom porque às vezes ela anima as pessoas por algum período, por um tempo curto, um momento rápido, mas não por muito tempo, porque ela sai rápido de cena [...]”. Isso nos leva a compreender que, de fato, são múltiplos os jogos que as bichas podem estabelecer com suas máscaras.

A máscara entra e sai de cena, acompanha situações e relações e se modifica conforme os territórios percorridos pelas bichas. Talvez sua potência esteja justamente nesse movimento: ela não fixa uma nova forma correta de ser bicha ou de ser docente. Põe ou tira a máscara? A pergunta que atravessa o poema retorna aqui sem exigir uma resposta definitiva. As máscaras embaralham justamente a expectativa de que exista uma única forma verdadeira, estável e plenamente revelada de ocupar a docência.

Vale ainda ressaltar que, mesmo com as máscaras, as bichas docentes sentem-se ameaçadas. Alegria Felicidade Sorriso destaca que “[...] de certa forma as pessoas estão olhando, estão buscando algo que possa denunciar, sinto certo receio de falar sobre isso com algumas pessoas tanto da universidade como do trabalho [...]”. Percebemos, então, que muitas pessoas podem estar atentas ao momento em que as máscaras podem não mais ser convincentes. As máscaras possuem suas fragilidades, por isso talvez o jogo deva ser constante, de retirada e reposição de máscaras.

A vigilância percebida por Alegria evidencia, mais uma vez, que a máscara não elimina as normas que atravessam a escola. Sua possibilidade de aparecer, desaparecer ou ser reconhecida depende das relações e dos territórios nos quais a bicha se movimenta. Nesse sentido, tornar um espaço educacional habitável não pode ser uma

tarefa realizada apenas pela capacidade individual de cada bicha de manejar suas máscaras. Se há sujeitos que vigiam e procuram aquilo que possa "denunciar", há também aqueles com quem é possível estabelecer relações de confiança e produzir outras condições de existência.

Por isso, talvez seja necessário que as bichas escolham para quem se revelar, para que possam ter momentos em que as trocas de máscaras sejam possíveis. É bastante evidente na fala das bichas docentes que as pessoas para quem se escolhe revelar constituem-se em fortes aliadas, tornando possível a existência das bichas dentro dos espaços educacionais. Alegria Felicidade Sorriso expressa como se sente potente com os seus aliados: "[...] me sinto muito livre para me expressar desta forma e percebo que as pessoas que estão à minha volta me proporcionam esta liberdade".

A liberdade narrada por Alegria não aparece, portanto, como experiência produzida solitariamente. Ela emerge na relação: existem pessoas ao redor que participam da produção dessa liberdade. É nesse ponto que a socialidade queer discutida por Ranniery (2017) nos ajuda a deslocar a análise do reconhecimento individual da identidade para a composição de laços que possibilitam tanto a sobrevivência quanto a experimentação da existência. As alianças não desfazem o "campo minado", mas podem modificar as condições de sua travessia. Talvez possamos dizer, então, que um currículo se torna mais habitável não apenas quando reconhece a existência das bichas, mas quando possibilita relações nas quais elas não precisem existir sozinhas.

As multiplicidades desses jogos que as bichas docentes estabelecem fragmentam suas identidades em diversas identidades. Ao assumirem as máscaras, as bichas docentes compreendem que não possuem uma única identidade e que esta não é fixa nem linear. Como afirma Hall (1998, p. 13):

> A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente.

As máscaras materializam, de certo modo, essa impossibilidade de uma identidade plenamente unificada. Cada uma delas reúne pedaços, afetos, modos de apresentação e possibilidades de relação que se modificam conforme os espaços percorridos. Mais do que perguntar qual seria a identidade verdadeira por trás da máscara, interessa-nos perceber os movimentos que ela torna possíveis. As bichas docentes não chegam ao currículo como identidades acabadas esperando apenas serem reconhecidas; constituem-se também nas relações, negociações e experiências que produzem ao habitá-lo.

Essa multiplicidade, contudo, não significa que transitar entre máscaras seja uma experiência sem custos. Branco afirma que tenta utilizar seus "vários pedaços" para conseguir habitar os espaços em que vive. Sua narrativa recoloca a ambivalência que atravessa toda a produção das máscaras: aquilo que possibilita circular, estabelecer relações e produzir formas de existência também pode exigir ocultamentos e fragmentações. As máscaras não resolvem, portanto, as contradições vividas pelas bichas docentes; elas tornam visíveis as negociações necessárias para existir em espaços educacionais que permanecem atravessados por normas heteronormativas.

Essas negociações vividas pelas bichas docentes não acontecem fora das disputas políticas que atravessam a educação brasileira. Nas últimas décadas, gênero e sexualidade tornaram-se objetos privilegiados de ofensivas conservadoras no campo educacional, expressas, entre outros movimentos, pelo Escola Sem Partido e pela disseminação da retórica da chamada "ideologia de gênero". Essas disputas alcançaram as políticas curriculares e produziram tentativas de silenciamento e apagamento das discussões sobre gênero e sexualidade na educação (SANTOS et al., 2021). Mais do que uma controvérsia sobre a presença ou ausência de determinados conteúdos, esses movimentos tornam visível o currículo como território político no qual também se disputa aquilo que pode ser dito, ensinado, reconhecido e vivido na escola.

Entretanto, as máscaras nos permitem deslocar um pouco a própria maneira de formular esse problema. Não se trata somente de perguntar se a formação de

professores está preparada para trabalhar com a diversidade sexual, como se existissem, de um lado, uma educação já constituída e, de outro, sujeitos diferentes que precisariam ser incluídos nela. As narrativas das bichas docentes nos fazem perguntar também pelas normas que constituem essa educação: que professor é imaginado quando se pensa a docência? Quais corporalidades, gêneros e sexualidades podem ocupar esse lugar sem precisar explicar-se, esconder-se ou negociar continuamente sua presença? E por que algumas existências aparecem como diferença enquanto outras permanecem silenciosamente instituídas como norma?

Esse deslocamento aproxima-se das interrogações queer ao currículo formuladas por Silva e Alves (2020), para quem a transformação das práticas educacionais não pode ser reduzida à simples inclusão de informações sobre sexualidade ou ao reconhecimento abstrato das identidades. Uma formação comprometida com as diferenças precisa, portanto, ir além da incorporação de novos sujeitos ou conteúdos e interrogar os próprios processos educacionais que produzem normalidades, diferenças e hierarquias. Nesse sentido, as bichas docentes não interessam à formação apenas porque representam uma diversidade que deve ser respeitada; interessam também porque suas experiências interrogam aquilo que aprendemos a reconhecer como professor, currículo e educação.

Isso não significa abandonar a defesa do reconhecimento, da inclusão e da não discriminação. Trata-se de radicalizá-la. A própria Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) estabelece, no inciso IV do art. 3º, o "respeito à liberdade e apreço à tolerância" como princípio da educação (BRASIL, 1996). Do mesmo modo, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial em Nível Superior de Profissionais do Magistério da Educação Escolar Básica estabelecem entre seus princípios:

Art. 5º São princípios da Formação de Profissionais do Magistério da Educação Escolar Básica:

> [...] X - o compromisso de que a formação dos profissionais do magistério busque contribuir para a consolidação de uma nação soberana, democrática, justa, laica, inclusiva e que promova a emancipação dos indivíduos e grupos sociais, atenta ao

> reconhecimento e à valorização da diversidade e, portanto, contrária a toda forma de discriminação;
> XI - educação para a construção de um mundo sustentável, abordando questões que ameaçam o futuro, tais como, a pobreza, o consumo predatório, a deterioração urbana, o conflito e a violação dos direitos humanos, sempre respeitando a pluralidade e a diversidade cultural; (BRASIL, 2024).

Reconhecer e valorizar a diversidade e combater a discriminação constituem compromissos indispensáveis, mas as experiências das bichas docentes nos convidam a perguntar o que acontece quando avançamos além deles. Se uma bicha precisa conhecer os lugares seguros, manejar máscaras, reconhecer fronteiras, construir alianças e avaliar quando pode mostrar-se ou ocultar-se, não basta que a formação docente anuncie abstratamente o respeito à diversidade. É preciso que ela seja capaz de interrogar as condições curriculares que fazem essas negociações necessárias.

Uma perspectiva queer da formação docente nos permite justamente realizar esse deslocamento. Mais do que preparar professoras e professores para lidar com sujeitos previamente nomeados como diferentes, interessa interrogar os processos pelos quais algumas existências são produzidas como diferença diante de outras que permanecem silenciosamente instituídas como norma. Nesse movimento, as bichas docentes deixam de ocupar apenas o lugar daqueles sujeitos que a educação precisa aprender a incluir: suas experiências passam a interrogar a própria educação, seus currículos e os modos de docência que ela torna possíveis.

Ao passo que o Brasil é um país rico culturalmente, também está imerso em uma trama de preconceitos e discriminações. De maneira particular, a sociedade brasileira permanece atravessada pelas hierarquizações produzidas pela colonialidade. É urgente que as instituições escolares e de formação de professores assumam o compromisso político de enfrentar essas desigualdades e produzir uma educação comprometida com as diferenças.

As tramas densas das bichas docentes, entretanto, mostram que esse compromisso não se realiza somente por declarações de respeito. Suas máscaras nos levaram por fronteiras entre mostrar-se e esconder-se, pelo armário, pelo “campo

minado", mas também pela alegria, pela imaginação, pelas alianças e pela invenção de modos de habitar a docência. Elas não nos oferecem um modelo de professor a ser reproduzido. Talvez façam algo mais perturbador e potente: interrogam as formas pelas quais aprendemos a imaginar quem pode ensinar, como pode existir e quais vidas cabem no currículo. Poderia a formação de professores se vestir com as máscaras das bichas docentes para pensar outras formas de educar?

Quando as máscaras não encerram a cena

Retomar as Máscaras das Bichas Docentes alguns anos depois de sua produção nos permitiu reencontrar os confetos produzidos pela pesquisa sociopoética e, ao mesmo tempo, interrogá-los a partir de outras questões. Se inicialmente as máscaras nos ajudaram a compreender as relações entre docência e homossexualidade, nesta retomada elas também nos permitiram pensar o currículo como território no qual se negociam possibilidades de existência. Mostrar-se, esconder-se, revelar-se, dissimular-se e imaginar-se de outros modos deixaram, assim, de aparecer somente como movimentos subjetivos das bichas docentes para tornarem visíveis normas, fronteiras e relações que atravessam os espaços educacionais.

As máscaras revelaram uma experiência marcada por ambivalências. Elas possibilitam atravessar territórios, construir relações, reconhecer lugares seguros e inventar maneiras de habitar a docência, mas também evidenciam que determinadas existências precisam realizar negociações que outras sequer são convocadas a fazer. O "campo minado", o armário e a vigilância convivem, nas narrativas das bichas, com alegria, cumplicidade, imaginação e alianças. Por isso, não quisemos produzir uma leitura das bichas docentes apenas como sujeitos submetidos à heteronormatividade. Elas também criam, movimentam fronteiras e inventam modos de existir e educar.

Essa leitura nos levou a deslocar a própria ideia de uma formação docente para a diversidade sexual. Reconhecer a diversidade, combater a discriminação e garantir direitos permanecem compromissos incontornáveis da educação. Uma perspectiva queer, contudo, nos convoca a perguntar também pelas condições que fazem com que

determinadas existências sejam continuamente nomeadas como diferentes diante de outras que permanecem naturalizadas como norma. Nesse sentido, as bichas docentes não são apenas sujeitos que precisam encontrar lugar no currículo: suas experiências interrogam o currículo e aquilo que ele torna possível reconhecer como corpo, sexualidade e docência.

Talvez uma das potências da Sociopoética nesta pesquisa esteja justamente em não nos oferecer uma resposta definitiva para essas tensões. “Põe ou tira a máscara?”, perguntávamos no poema produzido pela afecção das máscaras em nossos corpos. Anos depois, a pergunta permanece aberta. Não nos interessa respondê-la prescrevendo às bichas quando devem revelar-se ou ocultar-se, mas deslocá-la para a educação: que escolas, currículos e processos formativos temos produzido para que algumas pessoas ainda precisem calcular quando podem aparecer? E que outras formas de educação podem emergir quando são justamente essas existências, historicamente empurradas às margens, que interrogam nossas maneiras de ensinar, conhecer e conviver?

Vestir-se com as máscaras das bichas docentes talvez signifique, portanto, aceitar essa interrogação. Não para falar por elas, nem para transformar suas experiências em um novo modelo de docência, mas para permitir que suas tramas desorganizem certezas sobre aquilo que uma professora ou um professor deve ser. As máscaras não encerram a discussão: abrem caminhos para imaginar currículos nos quais as diferenças não precisem apenas pedir passagem, porque participam da própria invenção dos modos de educar.

Referências

BRASIL. 1996. *Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996*. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República.

BRASIL. 2024. *Resolução CNE/CP nº 4, de 29 de maio de 2024*. Dispõe sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial em Nível Superior de

Profissionais do Magistério da Educação Escolar Básica. Brasília, DF: Conselho Nacional de Educação.

CAETANO, Marcio; RODRIGUES, Alexsandro; WENETZ, Ileana. 2024. Currículo como estudios narrativos y queer: emergencias que interrogan la educación. *Praxis Educativa*, Santa Rosa, v. 28, n. 2, p. 1-21, maio/ago. DOI: 10.19137/praxiseducativa-2024-280211.

GAUTHIER, Jacques. 1999. Sociopoética: encontro entre arte, ciência e democracia na pesquisa em ciências humanas e sociais, enfermagem e educação. Rio de Janeiro: Escola Anna Nery/UFRJ.

GAUTHIER, Jacques. 2012. O oco do vento: metodologia da pesquisa sociopoética e estudos transculturais. Curitiba: CRV.

HALL, Stuart. 1998. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A.

LOPES, Alice Casimiro. 2013. Teorias pós-críticas, política e currículo. *Educação, Sociedade & Culturas*, Porto, n. 39, p. 7-23.

LOURO, Guacira Lopes. 2015. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica.

NASCIMENTO, Letícia Carolina Pereira do. 2014. *Descolonizando sexualidades e currículo na escola*: Confetos produzidos por jovens da Ilha. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de PósGraduação em Educação da Universidade Federal do Piauí.

RANNIERY, Thiago. 2017. Currículo, socialidade queer e política da imaginação. *Revista Teias*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 51, p. 52-67, out./dez. DOI: 10.12957/teias.2017.30593.

SANTOS, Marina Silveira Bonacazata; MIESSE, Maria Carolina; CARVALHO, Fabiana Aparecida de; QUEIROZ, Leonardo Cordeiro de; SOUZA, Vânia de Fátima Matias de. 2021. Escola sem Partido e as discussões de gênero e sexualidade: impactos curriculares. *Linhas Críticas*, Brasília, v. 27, e35543. DOI: 10.26512/lc27202135543.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. 2007. A epistemologia do armário. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 28, p. 19-54, jan./jun.

SILVA, Roberto Vinicio Souza da. 2017. *A sociopoética das bichas docentes nos labirintos da homossexualidade*. Parnaíba. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal do Piauí.

SILVA, Robson Guedes da; ALVES, Karina Miriam da Cruz Valença. 2020. Interrogações queer ao currículo: subjetividades, diferença e educação. *Revista Fórum Identidades*, Itabaiana, v. 32, n. 1, p. 149-161, jul./dez.